

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

MICHELLE BADARÓ RÊGO

CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Uma proposta de análise das relações étnico-raciais evidenciadas na
prática da capoeira.

BELO HORIZONTE

2019

MICHELLE BADARÓ RÊGO

CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Uma proposta de análise das relações étnico-raciais evidenciadas na prática da capoeira.

(VERSÃO FINAL)

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Cláudio Emanuel dos Santos

BELO HORIZONTE

2019

R343c

Rêgo, Michelle Badaró, 1982-

Capoeira na educação infantil [manuscrito]: Uma proposta de análise das relações étnico-raciais evidenciadas na prática da capoeira. / Michelle Badaró Rêgo. - Belo Horizonte, 2019.

45f. , il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Cláudio Emanuel dos Santos

1. Educação de crianças. 2. Capoeira. 3. Relações étnicas. 4. Relações raciais. 5. Capoeira.

I. Título. II. Santos, Cláudio Emanuel dos. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

MICHELLE BADARÓ RÊGO

CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Uma proposta de análise das relações étnico-raciais evidenciadas na prática da capoeira.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Banca Examinadora

Professora Vitória Régia Izaú - UEMG

Professor Cláudio Emanuel dos Santos - UFMG

Belo Horizonte, 07 de dezembro de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Uma proposta de análise das relações étnico-raciais evidenciadas na prática da capoeira”, do(a) aluno(a) **Michelle Badaró Rego**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Cláudio Emanuel dos Santos (orientador) e Vitória Régia Izaú. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Michelle Badaró Rego
Michelle Badaró Rego

Registro na UFMG: 2018750296

Cláudio Emanuel dos Santos
Cláudio Emanuel dos Santos
Professor(a) Orientador(a)

Vitória Régia Izaú
Vitória Régia Izaú
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Gratidão;

A Deus que me sustentou nos momentos mais difíceis,
segurou nas minhas mãos quando desanimei, e não me deixou desistir!

Gratidão;

Aos meus pais Elvira e Flávio, minha irmã Flávia,
meus filhos Anna Luíse e Luiz Gabriel, meu marido Antônio Luiz ...
sem a compreensão e a ajuda de vocês não teria conseguido chegar até aqui!

Gratidão;

Ao professor Cláudio Emanuel, que com seu alto astral e energia positiva
me fez acreditar que seria capaz,
e aos colegas do LASEB, que fizeram meus sábados mais felizes!

Gratidão;

as colegas da EMEI Céu Azul e ao professor Jorge Miguel, Jorjão que com sua
empatia e dedicação nos encantou com a capoeira!

Lista de figuras

Figura 1: Apresentação do livro: A capoeira. Sônia Rosa.....	25
Figura 2: História da Capoeira.....	25
Figura 3: Dinâmica da Caixa surpresa.....	26
Figura 4: Conhecendo os lápis e o giz cor da pele.....	26
Figura 5: Momento de interação ao comparar os diferentes tons de pele.....	28
Figura 6: Escolha do lápis para representar o tom de pele.....	29
Figura 7: Após a fala do colega a mudança da cor escolhida.....	29
Figura 8: Testando hipóteses para descobrir o tom de pele de cada um.....	30
Figura 9: Descobrimo os tons de pele.....	30
Figura 10: Descobrimo os tons de pele.....	30
Figura 11: Giz de cera e lápis tons da pele.....	31
Figura 12: Livro: Meu crespo é de rainha.....	33
Figura 13: Livro: A menina dos livros.....	33
Figura 14: Livro: Chuva de mangas.....	34
Figura 15: Bernardo fazendo o reconto do livro.....	34
Figura 16: Livro: Cabelo de Lelê.....	35
Figura 17: Livro: Obax.....	36
Figura 18: Oficina da Abayomi.....	36
Figura 19: As crianças confeccionando a boneca com retalhos de tecido.....	37
Figura 20: Apresentação da história e oficina da Abaoymi.....	37
Figura 21: Roda de capoeira e momento de formação sobre os instrumentos.....	38
Figura 22: As crianças manuseando e experimentando os instrumentos.....	39
Figura 23: As crianças manuseando e experimentando os instrumentos.....	39
Figura 24: Maculelê.....	40
Figura 25: As crianças aprendendo o maculelê.....	40

Resumo

Este trabalho aborda a importância da valorização das relações étnico-raciais desde a primeira infância, tendo como disparador a prática da capoeira na escola. Construir este olhar sobre a cultura, conhecer, valorizar a identidade negra e buscar ações afirmativas foi a estratégia utilizada para a execução desta pesquisa. As crianças da turma de 4 anos vivenciaram momentos de construção do saber através de roda de conversas, vídeos, músicas, desenhos e a própria aula de capoeira que é uma fonte de conhecimento inesgotável da nossa ancestralidade.

Os principais referenciais teóricos foram Ivazaki (2018), Silva e Heine (2008), Gomes (2011), Munanga (2005) e os documentos em âmbito nacional sobre a implementação da Lei 10639/03.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem escolhida foi de pesquisa-ação, caracterizando como qualitativa, conforme Bogdan e Bikklen (1994). Valorizando o processo em si, a construção do sujeito, não apenas o resultado final. Como instrumento de coleta de dados optou-se pela observação participante, desenhos, registros em vídeos, fotos e áudios.

Neste trabalho foi possível perceber que a capoeira foi um detonador para ampliar as questões sobre as relações étnico-raciais, a partir da roda de conversas um novo horizonte se abriu com diversas possibilidades, enriquecendo e ampliando os objetivos propostos no início da pesquisa. Ao utilizar materiais diversificados e que realmente tem uma representatividade para as crianças, como por exemplo, o lápis de tons de pele, foi uma estratégia para construir a identidade positiva, levantar reflexões e principalmente ampliar o olhar sobre as diferenças e o respeito ao próximo.

Palavras- Chave: Capoeira. Educação Infantil. Relações étnico-raciais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 O encantamento pela capoeira.....	11
1.2 Contextualização da EMEI Céu Azul	13
1.4 “Capoeira da educação Infantil”	18
1.5 Relações étnico-raciais e Educação Infantil	20
2 METODOLOGIA.....	21
3 REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS.	23
3.1 A circularidade do saber	23
3.2 Lápis cor da pele.....	26
3.3 Literatura Infantil	31
3.4 Oficina: Abayomi.....	35
3.5 A arte da Capoeira.....	38
3.6 Maculelê é batida de bastão... ..	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou analisar como a prática da capoeira na turma de 4 anos da EMEI¹ Céu Azul, se tornou um alicerce importante para a busca de conhecimentos das questões pertinentes às relações étnico raciais.

A escolha por essa temática possibilitou novos olhares sobre a perspectiva de aplicabilidade da lei 10.639/03, que é obrigatoriedade em todos os níveis de Ensino da Educação. Tendo em vista as relações étnico raciais e a educação infantil, a prática da capoeira na escola veio como uma metodologia lúdica para vivenciar essa questão. A implementação da lei 10.639/03, ainda é um processo lento nas escolas, mesmo sendo obrigatoriedade. Ainda não temos informações precisas sobre o nível de efetivação e o grau de enraizamento da mesma, segundo Gomes (2013), o conhecimento desse processo, obtido até o momento, geralmente é produto de pesquisas qualitativas em nível local, que embora tenha a sua importância não nos ajudam a ter uma compreensão mais ampla, em nível nacional do desenvolvimento da temática nas escolas.

Em algumas instituições os trabalhos realizados são direcionados para a semana que antecede o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, deixando de realizar um planejamento contínuo durante o ano, negando assim o direito de que todos se sintam valorizados e reconhecidos na sua história, cultura e identidade. Trazer a história permite às crianças conhecerem a nossa raiz cultural e as lutas que perpetuam até hoje, para igualdade de direitos. Cabe ao professor oportunizar a construção de uma imagem positiva, valorizando e contribuindo para o desenvolvimento integral do sujeito, através de um planejamento comprometido com a temática, com os negros como protagonistas das histórias, cantigas e brincadeiras. Para a efetiva implementação da Lei, temos outros materiais pedagógicos voltados

¹ De acordo com Art. 1º - As Unidades Municipais de Educação Infantil - UMEI - ficam transformadas em Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEI. Lei nº11.132, de 28 de setembro de 2018. DOM.

para a formação dos professores, que orientam e resguardam o trabalho do docente neste sentido.

De acordo com o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História Afro Brasileira e Africana, a efetivação da lei significa estabelecer novas diretrizes e práticas pedagógicas que reconheçam a importância dos africanos e afro-brasileiros no processo de formação nacional. A esse respeito, o Parecer nº3/2004 emitido pelo Conselho Nacional de Educação, nos orienta:

Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimento avançados, indispensáveis para a consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (PARECER CNE/CP nº3/2004, p.6).

Diante de tais desafios, e pensando no contexto da minha prática pedagógica, me vi encantada com a possibilidade de através da capoeira, trazer a temática étnico-racial de forma lúdica e elementos que contribuam para o conhecimento da história e a valorização do povo negro.

1.1 O encantamento pela capoeira.

Em 2018, tive o meu primeiro contato com a oficina de capoeira na escola. A coordenação pedagógica, atendendo ao planejamento do PAP² realizou a contratação de doisicineiros, a princípio uma professora de dança e outra de música. A proposta era realizar atividades mais específicas com as crianças priorizando o desenvolvimento da lateralidade, movimento, ritmo, velocidade e coordenação motora entre outros aspectos. Como a oficina de músicas, após avaliação dos docentes, não atendeu as expectativas do grupo, a professora de dança indicou um professor de capoeira que já tinha experiência no trabalho com a

² PAP - Plano de Ação Pedagógica

educação infantil em escolas do bairro. Observando a dinâmica das aulas, a capoeira trouxe questões além do que foi pensado inicialmente. A proposta de trabalho do professor trazia além do desenvolvimento psicomotor, questões relativas à história da capoeira, cultura e outros elementos. Ao observar as crianças altamente motivadas e envolvidas com o professor e com a dinâmica da aula, despertou em mim o interesse por conhecer melhor a capoeira, entender o que fascina tanto e ampliar os meus conhecimentos acerca dessa expressão cultural. Vivenciar as aulas com a turma, entrar na roda, manusear os instrumentos, cantar as músicas, me fez refletir sobre a importância desse momento enquanto elemento cultural e democrático no ambiente escolar.

Nesse momento, fiquei pensando na lei 10.639/2003³ que determina no artigo 26-A o ensino obrigatório sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, incluindo o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares. De acordo com Gomes (2011):

A Lei nº 10.639/03 pode ser interpretada como uma medida de ação afirmativa, uma vez que tem como objetivo afirmar o direito à diversidade étnico-racial na educação escolar, romper com o silenciamento sobre a realidade africana e afro-brasileira nos currículos e práticas escolares e afirmar a história, a memória e a identidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos negros na educação básica e de seus familiares. (GOMES, 2011)

Pensar na educação infantil como espaço para a criança compreender a importância de se relacionar com diferentes grupos, tornando a escola um ambiente acolhedor, que reconheça, valorize e respeite as diferenças é fundamental. A capoeira foi essencial para trabalhar as questões relativas à história e ao legado cultural dos negros, na constituição da população do nosso país, e trazer a tona às questões da educação das relações étnico-raciais.

³ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

1.2 Contextualização da EMEI Céu Azul

É importante relatar a história da comunidade para conseguir atendimento de qualidade para as crianças do bairro, uma luta de classe para alcançar e vencer as barreiras presentes no cotidiano dessa população periférica. Assim como a história de luta da capoeira, para vencer os desafios da sociedade, permanecer viva e legitimar a importância para nossa cultura.

De acordo com o Regimento Interno da EMEI Céu Azul, em 1992 a Associação Comunitária da Vila Nossa Senhora Mãe dos Pobres, sentiu a necessidade de uma instituição de Educação Infantil na região para atender à demanda das famílias carentes, que estavam a procura de um espaço público de cuidado e educação de qualidade, enquanto os pais trabalhavam. Mas foi só em 1997 que essa Associação conseguiu organizar a comunidade para divulgação e aprovação da proposta de criação de uma creche na região.

Em 1998 a obra foi aprovada pelo Orçamento Participativo, a construção da unidade iniciou-se no ano 2000 e em 2001 a obra foi concluída. Neste mesmo ano, a Gerência de Educação da Regional, através do Centro de Educação Infantil, entrou como parceira, mediando a burocracia de autorização de funcionamento da unidade identificada como Creche Comunitária Cisne Azul da Vila Mãe dos Pobres. Em setembro, já denominada provisoriamente como Creche Comunitária Céu Azul, iniciam-se os processos de aquisição de equipamentos pela Secretaria Municipal de Coordenação de Gestão da Regional. A Associação Comunitária da Vila Mãe dos Pobres, através de seu presidente, apresentou-se como possível entidade mantenedora da creche e este apontou o interesse pelo convênio junto à Prefeitura de Belo Horizonte. Durante o ano de 2002 não houve atendimento à comunidade já que o convênio ainda não havia sido assinado. Somente em 2003 a Prefeitura de Belo Horizonte, insere a AMAS⁴ como parceira, gerenciando as creches construídas com recurso do Orçamento Participativo.

⁴ Associação Municipal de Assistência Social.

Em abril de 2003 inicia-se o atendimento às crianças pela Unidade Municipal de Educação Infantil Céu Azul. Em novembro desse ano é publicada a lei n°. 8679 criando as Unidades Municipais de Educação Infantil- UMEIs. Em 2004 começa o processo de transição entre a administração da AMAS e a da PBH, envolvendo a contratação de educadoras concursadas e a demissão de funcionárias da AMAS.

Com relação ao espaço físico da EMEI Céu Azul o projeto arquitetônico é datado de fevereiro de 2000 e foi elaborado pela Superintendência do Desenvolvimento da Capital SUDECAP, através da divisão de Projetos Participativos. O prédio é constituído por dois pavimentos e possui 344 m² de área construída, sendo a área total do lote 360 m². No projeto original a unidade contava com apenas quatro salas, sendo duas no primeiro piso e duas no segundo. Também foi projetada uma pequena brinquedoteca (15m²), e o espaço externo destinada ao playground compreende uma área total de 49m².

Em 2012 foi necessária a locação de um imóvel para garantir provisoriamente seu funcionamento, para realização de uma obra de ampliação com desapropriação do terreno vizinho. Essa ampliação já era uma demanda antiga da comunidade, tendo em vista o grande número de crianças que ficavam sem atendimento, além da precariedade das instalações físicas. As obras tiveram duração de dois anos, sendo concluídas em 2013. Foi implantado um novo bloco de seis salas, sanitários infantis e plataforma de elevação, a reforma possibilitou acessibilidade e segurança para seus usuários.

A escola está localizada no Bairro Piratininga pertencente à Regional de Venda Nova. Atualmente a escola apresenta 7 salas e 12 turmas sendo 2 salas que funcionam em período integral e 10 turmas parciais. Com relação a fé professada pelas famílias, a maioria são católicos e protestantes, com um percentual de aproximadamente 3% de espíritas, candomblecista e ateus. É relevante ressaltar que com base nos critérios estabelecidos pela Prefeitura de Belo Horizonte o público alvo das Unidades Municipais de Educação Infantil são crianças expostas a

contextos de elevada vulnerabilidade social. Sendo assim, a escola teria por intuito amenizar os impactos dessa realidade e proporcionar uma melhoria na qualidade de vida da criança.

De acordo com as informações da GINED⁵, sobre a declaração de cor/raça da região de Venda Nova temos dos 29.074 alunos apenas 2.728 foram declarados pelas famílias com a cor preta e 18.179 como pardas. Especificamente na EMEI Céu Azul, dos 236 alunos as famílias declararam 16 como pretas e 142 como pardas.

EMEI Céu Azul- Alunos por cor/raça.

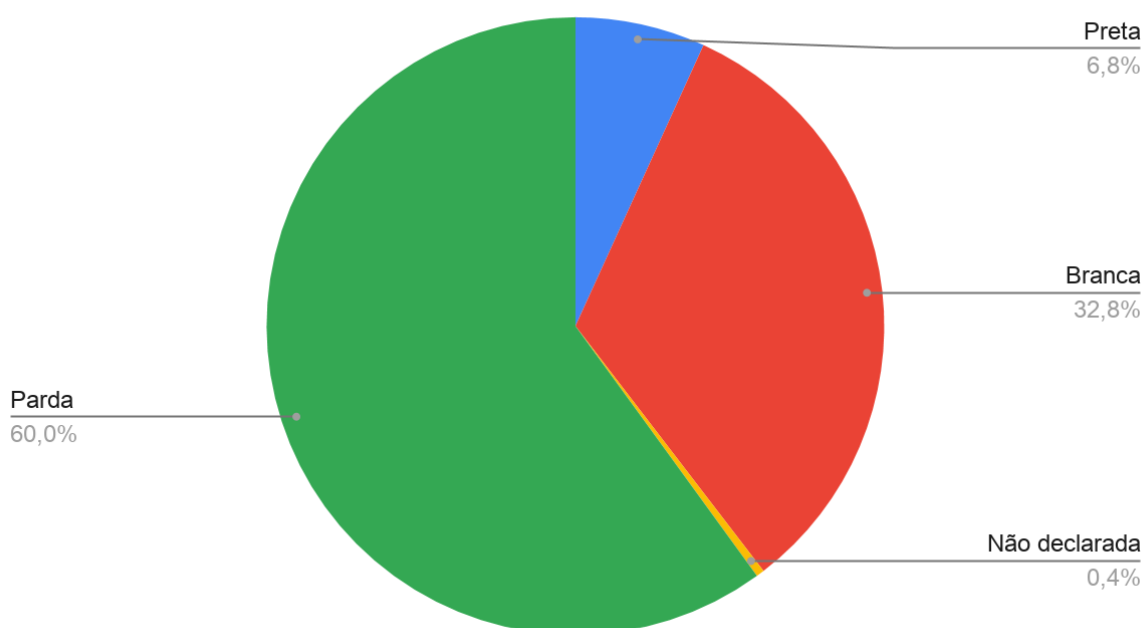


Gráfico construída pela autora.
Dados fornecidos pela GINED - SIGA BH/2019

Os critérios estabelecidos para autodeclaração de cor raça são os mesmos utilizados pelo IBGE. As famílias escolhem dentro das opções oferecidas, branca, preta, amarela, parda ou indígena, a cor que classifica o filho, sem a interferência da escola. Dentro da realidade de sala de aula, é possível observar que algumas famílias de crianças negras fazem a opção de cor, como parda. Crianças com os fenótipos como nariz largo, boca grande, cabelo afro, tom de pele escuro, por

⁵ Gerência de Informações Educacionais - Secretaria Municipal de Educação.

exemplo, foram declaradas como pardas pelas famílias. Podemos pensar que essa questão vai além do reconhecimento e afirmação como negro, questões sociais influenciam muito nesta autodeclaração. Pessoas com esse fenótipos tendem a sofrer discriminação maior do que pessoas branco ou até pardas, penso que a autodeclaração como parda, seria uma maneira de se proteger, não querer afirmar sua cor para evitar uma situação de preconceito.

1.3 Breve histórico da Capoeira

A capoeira foi marcada como símbolo de luta e resistência da população negra contra o sistema de escravidão no qual foram submetidas. Das senzalas a cidade grande, da criminalidade a escola. O processo foi longo, mesmo marginalizado os capoeiras perpetuaram sua herança, de geração em geração e a capoeira se manteve viva até os dias de hoje, sendo reconhecida internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pelo IPHAN⁶ e pela UNESCO⁷:

A 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris, a Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O reconhecimento da Roda de Capoeira, pela Unesco, é uma conquista muito importante para a cultura brasileira e expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão. Originada no século XVII, em pleno período escravista, desenvolveu-se como forma de sociabilidade e solidariedade entre os africanos escravizados, estratégia para lidarem com o controle e a violência. Hoje, é um dos maiores símbolos da identidade brasileira e está presente em todo território nacional, além de praticada em mais de 160 países, em todos os continentes. (IPHAN, 2014.)

Mas para chegar até esse momento de reconhecimento histórico grande foram os embates físicos e culturais, o sofrimento e a violência, uma história que não pode ser esquecida, de acordo com Oliveira e Leal (2009):

⁶ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cidadania que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

⁷ A UNESCO é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Procura construir a paz através da cooperação internacional em Educação, Ciências e Cultura.

Entretanto, no contexto de seu reconhecimento, pouco espaço foi reservado na mídia para a exposição ou debate acerca da história da capoeira. Sequer foi possível conhecer, salvo de modo panorâmico, o percurso de luta que seus praticantes vivenciaram para atingir o tão aclamado reconhecimento da arte-luta como patrimônio cultural brasileiro. A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em sua relação com o Estado brasileiro. (OLIVEIRA e LEAL, 2009, p. 44.)

Não podemos deixar de evidenciar o contexto histórico vivenciado na época por todas essas pessoas que foram escravizadas e marginalizadas. A capoeira foi um das estratégias de sobrevivência encontrada, onde através da combinação dos ritmos, gingas e músicas, preparavam o seu corpo fisicamente para se defenderem quando fosse necessário, eram constantemente vítimas de extrema violência pelos senhores de engenhos e pelos capitães do mato. Nesse primeiro momento a dança era vista, como um costume na região de Angola, de onde vieram muitos negros. Assim podemos pensar na origem da capoeira, como uma mistura cultural de raiz africana com suas contribuições em território brasileiro, ainda de acordo com o Livro do Professor: História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil:

[...] compreender que o princípio da capoeira é africano, ou seja, trata-se de uma construção dos africanos e seus descendentes no contexto brasileiro, uma reelaboração da ancestralidade em outro tempo e lugar. Esse entendimento possibilita perceber que a capoeira sofreu adaptações, entretanto, guarda no seu desenvolvimento marcas da experiência e da expressividade negras. (BRASIL/MEC, 2014, p.87)

Ainda de acordo com Dossiê: Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil. O IPHAN afirma:

A capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo. (IPHAN, 2007, p.11).

Um marco importante para a história da capoeira, foi à partir de 1930, onde Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba propõe uma nova

roupagem para essa prática, onde inclui movimentos de outras artes marciais, criando assim a luta regional baiana, que posteriormente passa se chamar capoeira regional. Iniciou sua prática de capoeira com um africano de nome Bentinho, segundo suas palavras, o sistema de aulas à época era bastante violento, as rodas eram formadas na Estrada de Boiadas, num ritmo brávio ao som do berimbau. (SOUZA, 2016.p.111).

Ainda de acordo com o livro do professor: História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil essa mudança teve o objetivo de desvincular a capoeira da marginalidade, o primeiro espaço que ocorreu esta mudança foi o Centro de Capoeira de Angola, em Salvador, que passou a chamar-se Centro Esportivo de Capoeira de Angola, direcionando esta arte para o esporte:

A capoeira angola ganhou contornos de academia, com mais interesse na transmissão do saber, com um tipo de ensino mais sistematizado, com apresentações em espaços abertos e com maior controle. Ao mesmo tempo, sem descuidar da arte do disfarce, reproduzem-se nas academias os espaços originais da capoeira, tais como a demarcação do círculo no chão, remetendo a roda, que ocorre naturalmente nos espaços públicos, além do canto e do louvor aos antigos capoeiristas e mestres pioneiros. (BRASIL/MEC, 2014, p.91)

O precursor da capoeira de angola foi Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como Mestre Pastinha, que dizia não ter aprendido a Capoeira em escola, mas “com a sorte”, um velho africano de nome Benedito, que ensinou além das técnicas, todo o legado da cultura africana. Ao ver o menino apanhando na rua, o convidou para lhe “ensinar coisa de muita valia”. Palavras do próprio Pastinha, em depoimento prestado no *Museu da Imagem e Som*. (SOUZA, 2016.p.107)

Dentro da proposta do plano de ação, a contextualização histórica para o trabalho em sala, partiu desse pressuposto teórico, multicultural e enfatizando as relações étnico-raciais na construção da identidade do povo brasileiro.

A partir deste breve histórico a proposta do trabalho é pensar na capoeira como expressão da cultura afro-brasileira, como ponto de partida para ampliar o repertório e o conhecimento histórico das crianças, o reconhecimento da diversidade e principalmente a valorização dos diferentes grupos étnico-raciais.

1.4 “Capoeira da educação Infantil”

Tomando como parâmetro para a pesquisa, Silva e Heine (2008) e Ivazaki (2018) os autores citados trazem reflexões sobre os termos “Capoeira *na* educação infantil” e a “Capoeira *da* educação infantil”.

No decorrer dos estudos sobre a capoeira e a educação infantil, e os benefícios que proporciona às crianças surgiram alguns questionamentos pertinentes sobre a inserção da capoeira no planejamento contínuo do professor. Em conversa com algumas colegas da EMEI, “a capoeira na educação infantil” era a prática evidenciada, as oficinas aconteciam semanalmente, e geralmente realizavam uma apresentação para a festa das famílias ou na festa de encerramento. De acordo com Silva e Heine (2008) é uma capoeira que está lá, mas que pouco interage. Apesar de um trabalho de capoeira com essas características possuir muitos aspectos positivos, acreditamos que é possível ir além. Pensando à partir desta lógica, a proposta era integrar a capoeira no dia a dia das crianças, na construção do conhecimento, dentro de uma proposta pedagógica coerente e desafiadora.

Fazendo um contraponto a “Capoeira da escola”, Silva e Heine (2008) pontuam:

Uma capoeira que, sem perder suas características originais e essenciais, é “reconstruída” e “reinventada” a partir dos referenciais educacionais. A capoeira não precisa nem deve deixar de ser capoeira quando estiver na escola, mas deve dialogar e interagir com toda a riqueza de conhecimento e diversidade de saberes que caracterizam essa instituição. (SILVA; HEINE, 2008, p.43)

De acordo com os autores devemos pensar a relação da capoeira com a educação infantil, não como uma prática estanque, mas sim vinculada ao fazer pedagógico, como linguagem presente no currículo. Assim, possibilitando um diálogo com outras áreas de conhecimentos utilizando a capoeira como abordagem metodológica.

Ivazaki (2018) afirma:

Na história brasileira, a capoeira foi marcando seu lugar no espaço social como forma de luta e resistência da cultura. Consideramos que esta manifestação cultural envolve uma prática educativa nas Unidades de Educação Infantil que permite conscientizar, socializar, informar e formar sobre os saberes de nossa ancestralidade negra na comunidade escolar, abrangendo todos os sujeitos educativos que fazem parte desta comunidade. (IVAZAKI, 2018, p.76)

A partir desta demanda da implementação efetiva da lei 10.639/03 e as possibilidades de vivenciarmos a capoeira como uma ação educativa, para refletirmos de forma lúdica sobre a história e cultura do povo negro no Brasil, foi necessário um planejamento de estudos e abordagens pedagógicas para a construção do conhecimento, possibilitando e favorecendo as relações entre as crianças na sua diversidade. A capoeira veio como um instrumento para ampliar os horizontes e possibilitar novos conhecimentos para a educação étnico-racial.

1.5 Relações étnico-raciais e Educação Infantil

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é um espaço privilegiado para a criança aprender através do lúdico, a experimentar novos ambientes, socializar, ter acesso a diversos materiais, conhecer e respeitar as diferenças. Etapa tão importante para o desenvolvimento, onde o cuidar e o educar são entrelaçados neste processo, sendo necessário afeto, compreensão e valorização da imagem positiva para contribuir na construção da identidade da criança. O papel do professor para educação infantil é fundamental neste sentido, oportunizando práticas pedagógicas que ampliem o universo cultural das crianças e valorizem a diversidade.

Assim também compete ao professor buscar ações complementares de estudos e ampliar seus conhecimentos sobre a temática acerca da implementação da Lei. Nesse sentido as alterações propostas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 pela Lei 10.639/03, geraram uma série de ações para sua implementação, de acordo com o Plano Nacional, o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (Parecer CNE/CP nº03 de março de 2004) e a Resolução CNE/CP nº 01, publicada em 17 de junho de 2004. O Plano Nacional foi elaborado na perspectiva de um material pedagógico que possa orientar e sinalizar as instituições de ensino.

De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003:

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as

crianças, desde muito pequenas compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnicos raciais para a história e cultura brasileiras. (Brasil. MEC, 2003, p.49).

Mas para um resultado positivo visando às reparações, o reconhecimento e valorização da identidade são necessários o empenho de todos que estão envolvidos no processo, desde as famílias até a coordenação pedagógica das escolas, e principalmente os professores que atuarão de maneira decisiva reestruturando as relações étnico-raciais e sociais. De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História de Cultura Afro-Brasileira e Africana:

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminação elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. (DIRETRIZES, 2004.p. 16)

O empenho de todos é imprescindível para o sucesso de uma educação que contemple a igualdade racial, independente do seu pertencimento étnico-racial.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido na turma de educação infantil, com crianças de 4 anos do turno da manhã, da EMEI Céu Azul, onde estou como professora referência.

A turma é composta por 20 crianças, sendo 8 meninas e 12 meninos, residentes na região do entorno da escola. De acordo com a declaração das famílias ao preencherem a ficha de matrículas das crianças, 14 foram declaradas como pardas e 6 como brancas. É possível observar uma discrepância na autodeclaração das famílias, pelos fenótipos e características físicas dos pais, em pelos menos quatro delas. Foi um processo desenvolvido a partir de um Plano de Ação, onde o objetivo principal foi trabalhar à partir da capoeira as questões das relações étnico-raciais em vários aspectos na vida escolar e pessoal das crianças, oportunizando a identificação e o reconhecimento da sua cor como algo importante e quem tem que

ser valorizado por todos. E a escola é o lugar privilegiado para promover esses espaços de construção de conhecimento utilizando as múltiplas linguagens. A capoeira nos conduziu por esse caminho do saber, de autoconhecimento, descobertas e novidades.

A metodologia utilizada foi em uma perspectiva qualitativa, partindo no primeiro momento para o levantamento de dados e pesquisa bibliográfica, sobre o tema. Vários documentos oficiais em âmbito nacional, livros e revistas, que orientam a educação infantil e as relações étnico-raciais deram o suporte para a realização do trabalho.

Nesta linha de pesquisa Bogdan e Bikken (1994) descrevem cinco características da investigação qualitativa, a primeira remete ao ambiente natural como fonte direta de dados, constituindo o investigador o instrumento principal. Os dados recolhidos são de forma descritiva, através de imagens e palavras, analisando os dados com toda sua riqueza, respeitando como foram registrados. Ainda pontuam a importância do processo em si, e não simplesmente os resultados obtidos, em um constante diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos.

Foram elaboradas várias atividades dentro do planejamento que contemplaram o trabalho para alcançar o objetivo proposto, foram realizadas rodas de conversas com as crianças com a história e o legado afro-brasileiro da capoeira, como surgiu, os mestres, os instrumentos utilizados, valorizando também o conhecimento prévio das crianças, tendo como suporte teórico livros e vídeos, assim surgiram várias questões que enriqueceram o planejamento. A roda de conversas é uma estratégia importante para dar a voz às crianças, um momento de interação e troca de saberes. De acordo com o livro: Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial (2012):

O reconhecimento da criança como sujeito que tem voz e deve ser considerado um interlocutor, leva a indicar a roda de conversa como atividade permanente na organização do cotidiano das instituições. A criança reflete sua cultura no modo como conversa, alimentando os assuntos com ideias originais e explicações singulares sobre os eventos que presencia ou conhece. (MEC. 2012 pg. 37.)

Observações, as oficinas de capoeira, os registros com desenhos, reconto de histórias foram procedimento utilizados para alcançar o objetivo proposto para esta pesquisa. Enfim, a partir desta metodologia de pesquisa faço uma análise das

relações étnico-raciais a partir da prática da capoeira, tendo como referência a oficina que acontece semanalmente e os desdobramentos das propostas para trabalhar a temática acima.

3 REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS.

Essa intervenção pedagógica teve como objetivo principal oferecer subsídios históricos e culturais para as crianças se apropriarem do conhecimento da história de como os negros foram escravizados e chegaram no Brasil, sua importância na construção da identidade do povo brasileiro, e a capoeira foi uma das estratégias utilizadas para promover e possibilitar o diálogo sobre as diferenças culturais que compõem a sociedade brasileira.

A proposta para o desenvolvimento do plano de ação partiu do interesse das crianças pela prática da capoeira, onde as aulas acontecem uma vez por semana e com a duração de trinta minutos. Motivada em aprofundar o trabalho feito pelo professor Jorge Miguel, foram organizadas atividades variadas.

3.1 A circularidade do saber

No 1º momento, as crianças foram estimuladas a falarem o que já sabiam sobre a história do Brasil, a chegada dos negros e como foram escravizados.

- *Michelle os negros eram como os escravos do Egito? (Mateus, 5 anos)*

A turma ficou atenta à fala dele e esperando uma resposta. Pedi para que Mateus explicasse para os colegas como eram os escravos do Egito. E ele continuou:

- *Eles eram obrigados a trabalhar, eram levados para longe da família e sofriam muito! Até batiam neles... (Mateus, 5 anos)*

Esse momento foi muito importante, onde o conhecimento de mundo proporcionou uma troca de saberes entre as crianças. Como afirma Freire (2009):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2009, p.47)

As crianças ficaram curiosas sobre o assunto e logo surgiram mais questionamentos:

- *Como eles chegaram até aqui? (Samuel, 4 anos)*
- *E as crianças ficavam “aonde”? (Emanuelly, 5 anos)*

Algumas crianças logo responderam que ficavam com a mãe, porque não podiam ficar sozinhas. Aproveitei para falar sobre a história da Abayomi⁸ e em outro momento realizamos a oficina, com uma proposta de resgate da cultura africana. E as perguntas continuaram.

- *Quem morava aqui antes dos negros chegarem? (Gustavo, 5 anos)*
- *“Os dinossauros”... (Mateus, 5 anos)*
- *Os índios já moravam aqui, era a casa deles. (Raphaelly, 5 anos)*

A cultura indígena faz parte do planejamento, dentro do projeto institucional: “Conhecendo a Cultura Indígena”. É importante salientar como as crianças trazem questões do mundo adulto e contribuem para o coletivo na construção do conhecimento. De acordo com Corsaro (2011):

Aqui, quero salientar que a produção infantil de culturas de pares não é uma questão de simples imitação ou apropriação direta do mundo adulto. As crianças se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas de pares. Tal apropriação é criativa no sentido de que estende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações do seu mundo. Dessa forma contribuem simultaneamente para a reprodução da cultura adulta. (CORSARO, 2011, p. 53).

Demos continuidade a atividades com a apresentação do livro “A capoeira” escrito por Sônia Rosa. Utilizamos recurso de projeção de imagens para contar a história, após a leitura do livro, uma pequena apresentação sobre a origem da capoeira.

⁸ Na EMEI já tínhamos vivenciado uma experiência de formação com Madu Costa, a educadora e escritora que é reconhecida pelo importante trabalho tratando da afro-brasilidade e visando a afirmação racial com foco especialmente no público infanto-juvenil. Ela nos contou sobre a história da Abayomi, onde as mães rasgavam um pedaço da própria roupa para fazerem uma boneca que era usada para acalantar, trazer uma memória afetiva para as crianças que brutalmente foram separadas das suas famílias.

Figura 1 - Apresentação do livro: A capoeira. Sônia Rosa



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2 - História da Capoeira



Fonte: Arquivo pessoal

Após esta atividade, encerramos a roda de conversas. As crianças ficaram curiosas sobre a verdadeira origem da capoeira, e concluíram após a roda de conversas e o vídeo, que os negros tinham o costume de dançar na África e quando chegaram aqui no Brasil usaram a capoeira como uma forma de defesa e resistência para se protegerem dos homens do mal, segundo a fala do Antony Gabriel, aluno da sala.

3.2 Lápis cor da pele

1º momento: Dinâmica com a caixa surpresa e o espelho.

A proposta desta dinâmica foi despertar a curiosidade das crianças para descobrirem o que de tão importante tinha dentro da caixa. Em roda, ao som de uma música instrumental de capoeira, a caixa passou por cada aluno e eles foram observando o que tinha dentro. No primeiro momento ficaram sem entender, na roda alguns relataram sobre o que viram dentro da caixa. Perguntei se as crianças gostaram do que viram, e o sorriso foi a resposta certa. O objetivo foi provocar reflexões sobre si mesmo e trazer mais uma forma de autoconhecimento, observando as características pessoais: cor da pele, tipo de cabelo, cor dos olhos.

Figura 3 - Dinâmica Caixa surpresa



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 - Conhecendo os lápis e o giz cor da pele



Fonte: Arquivo pessoal.

Apresentar a diversidade da cor da pele, cor dos olhos, tipo de cabelo, entre outras características foi um momento muito enriquecedor para a turma. Após a dinâmica as crianças ouviram e dançaram a música composta por Jair Oliveira (2009).

Tão legal, oh minha gente
Perceber que é mais feliz quem compreende
Que amizade não vê cor
Nem continente
E o normal está nas coisas diferentes

Amigo tem de toda cor, de toda raça
Toda crença, toda graça
Amigo é de qualquer lugar
Tem gente alta, baixa, gorda, magra

Mas o que me agrada é
Que um amigo a gente acolhe sem pensar
Pode ser igualzinha a gente
Ou muito diferente

Todos têm o que aprender e o que ensinar
Seja careca ou cabeludo
Ou mesmo de outro mundo
Todo mundo tem direito de viver e sonhar

Você não é igual a mim
Eu não sou igual a você
Mas nada disso importa
Pois a gente se gosta
E é sempre assim que deve ser.

Após escutarem a música, as crianças pediram para colocar novamente. O refrão foi cantado várias vezes no decorrer da manhã. A intenção de trazer essa música foi possibilitar às crianças a perceberem as diferenças como algo natural, como elemento que agrega e não como algo que discrimina.

Figura 5 - Momento de interação ao comparar os diferentes tons de pele.



Fonte: Arquivo pessoal.

2º momento: Autorretrato.

Na escola temos disponível um material de uso coletivo com giz de cera e lápis nos diferentes tons de pele. Ao manusear o material as crianças perceberam a diversidade de cores, foi sugerido que cada um escolhesse a cor que mais se aproximasse da sua.

- *Esse rosa é da Peppa Pig! (Raphaelly, 5 anos.)*
- *E da turma da Mônica! (Raí, 5 anos)*

Dando continuidade, as crianças foram chamadas em pequenos grupos, para fazerem o autorretrato. Nesse momento fiquei apenas observando como seria a identificação e reconhecimento da cor da pele tendo como suporte os lápis e giz.

Observei que uma das crianças negras pegou o giz branco e disse que sua pele era daquela cor, o colega atento, logo entrevi:

- *Náthy, essa não é a sua cor! Ninguém tem essa cor... (Raí, 5 anos).*

Fiquei observando como esse conflito seria resolvido, não fiz intervenção na fala da criança. O colega Raí imediatamente ofereceu o giz marrom.

- *Acho que essa é a sua cor! (Raí, 5 anos)*

Figuras 6 e 7: Escolha do lápis para representar o tom de pele.



Fonte: Arquivo pessoal.

Náthally colocou sobre o braço, comparando com seu tom de pele. Fiquei atenta a este momento para ver qual seria a sua reação, e tranquilamente, ela trocou o giz branco pelo marrom e coloriu o seu desenho. Fazendo uma reflexão sobre a proposta da atividade, as ações educativas possibilitam às crianças, se reconhecerem como negras e negros, contribui para a formação da identidade onde é construída na relação de como eu me vejo e como os outros me veem. Segundo Gomes (2008), o negro constrói sua corporeidade, através de um aprendizado que incorpora um movimento tenso e dialético de rejeição/aceitação, negação/afirmação do próprio corpo.

A importância da valorização das características pessoais faz toda a diferença na vida dessas crianças. Essa relação de cumplicidade, nos mostra como as próprias crianças se educam, que independente da sua cor ou características pessoais, isso não nos desqualificam, não nos fazem melhores ou piores que os outros.

O objetivo principal desse momento de experimentação foi apresentar para as crianças os diferentes tons de pele, e quebrar o paradigma do “rosa cor de pele”.

Figura 8: Testando hipóteses para descobrir o tom de pele de cada um.



Fonte: Arquivo pessoal

Observei que o interesse das crianças já não era mais o “rosa cor de pele” (termo este que apareceu em outra atividade, onde uma criança solicitou a cor rosa). Inclusive crianças de tom de pele mais clara, queriam cores parecidas com os dos colegas negros. De acordo com o material “Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial”:

Não há por que nos calarmos diante da identidade racial das pessoas, mas as expressões corretas devem ser usadas em contextos que façam sentido. Substituir o nome das pessoas por epítetos, usando a cor de forma pejorativa, é algo que deve ser evitado. No entanto, quando se trata de descrever as características físicas de modo a valorizá-las, sim, uma criança é negra, a outra, branca, os cabelos têm texturas diferentes, os traços trazem marcas diversas e aí reside a beleza de cada um ser como é. (MEC, 2012, p.38)

Figura 9 e 10: Descobrimo os tons de pele.



Fonte: Arquivo pessoal.

O material utilizado foi muito rico para que as crianças percebessem que há tons de pele diferentes e que se sintam representadas.

Figura 11: Giz de cera e lápis TONS DE PELE



Fonte: Arquivo pessoal.

O estojo faz parte da linha Pintkor e foi desenvolvido pela empresa Koralle, após a demanda dos professores do Curso de Aperfeiçoamento Uniafro, Programa de educação para relações étnico-raciais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3.3 Literatura Infantil

A partir das conversas com as crianças, o interesse pela literatura foi um marco muito positivo para darmos continuidade à execução do plano de ação. Manusear livros com personagens negros como referência e as temáticas que se referem a cultura Africana foram determinantes para a promoção da igualdade racial, e a literatura chegou para complementar as ações que estavam sendo realizadas.

No acervo da sala e para o projeto da Sacola Literária contamos com vários títulos significativos para as crianças. Uma maneira de trazer a representativa, de forma positiva e enaltecer a beleza dos fenótipos negros, exaltando a liberdade de expressar sua individualidade. De acordo com Heloisa Pires Lima, no livro organizado por Munanga (2005):

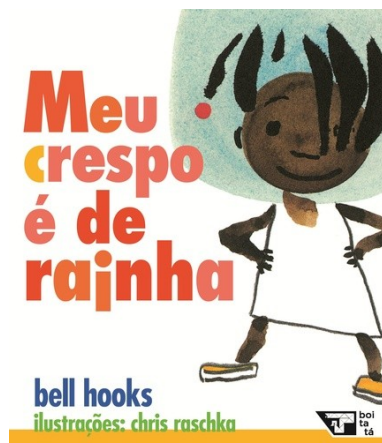
Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através de texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como um espelho onde me reconheço através dos personagens, ambientes, sensações? Nesse processo, eu gosto e desgosto de uns e outros e forma opiniões a respeito daquele ambiente ou daquele tipo de pessoa ou sentimento. (MUNANGA, 2005, p.101-102)

A literatura veio como uma conexão entre o que foi trabalhado com as crianças na dinâmica do autorretrato e o reconhecimento da identidade negra, nas diferenças raciais e as características pessoais, e assim possibilitando a construção e a compreensão que esses fatores não são determinantes da personalidade ou do status social das pessoas. Os livros que fazem parte do repertório da sala valorizam os personagens negros, como protagonistas das histórias, com valores culturais e a beleza estética da representação gráfica, como afirma Arboleya (2013):

Levando em conta estes aspectos e partindo da análise da influência ou determinação social dos valores e da produção artística é possível capturar o espelhamento de valores sociais nos temas e sentidos da literatura infantil quando se busca entender de que forma se colocam os marcos de diferença e de afirmação da cultura eurocêntrica, branca, cristã, em parte tradicional, com ênfase no círculo familiar em oposição aos valores e à representatividade de personagens de outras etnias. Um personagem etnicamente distinto daqueles que nos acostumamos e descrever e visualizar a partir das obras literárias infantis constitui através de sua apreciação adjetiva uma nova ideia de beleza que cria a partir do enredo, formas de representatividade social e identidade cultural que atuam na ruptura de padrões estéticos. (ARBOLEYA, 2013)

Alguns títulos chamaram mais atenção das crianças, como o livro “Meu crespo é de rainha”, escrito por Bell Hooks, onde a os cabelos crespos e cacheados são o enredo da história. De forma divertida apresenta diversos penteados e cortes de cabelo. As crianças gostaram muito e se identificaram com os desenhos. Foi possível observar que as meninas no decorrer do ano letivo, sempre estavam com os cabelos trançados ou com biotes. E que cada vez mais os cachos estavam mais evidentes, deixando os cabelos presos para uma segunda opção.

Figura 12: Livro: Meu crespo é de rainha.



Fonte: Arquivo pessoal.

O livro “A menina dos livros”, conta a história de uma menina negra que é a protagonista do enredo, e se encanta com os livros. Ela gosta de ler e escrever vivia pra lá e pra cá, com os livros nos braços, e a menina cresceu e tornou-se uma grande escritora.

Figura 13: Livro: A menina dos livros.

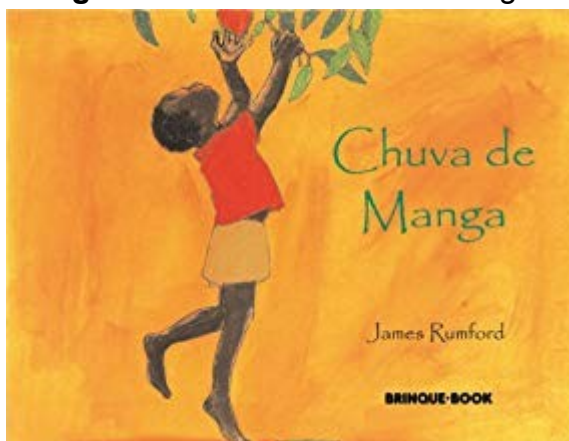


Fonte: Arquivo pessoal.

O livro “Chuva de mangas” escrito por James Rumford, despertou o interesse das crianças. A história fala do Chade um país que fica, no centro do continente africano, onde o seu povo vive uma realidade com terras secas e alguns momentos de fertilidade, no solo árido. Por meio do dia a dia do menino Tomás, esperando pela chuva, aprecia os frutos da terra, a manga dourada. Bernardo levou o livro para o

projeto da sacola literária, e fez o reconto para a turma. Mostrou o continente africano, e depois do reconto várias colegas quiseram livro pra casa.

Figura 14: Livro: Chuva de manga.



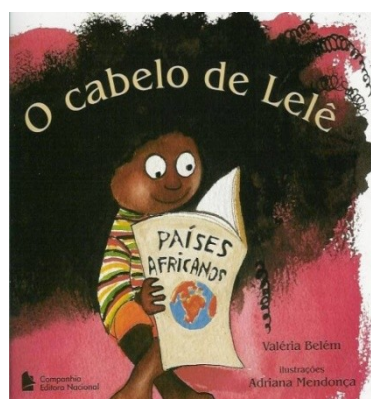
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 15: Bernardo fazendo o reconto do livro.

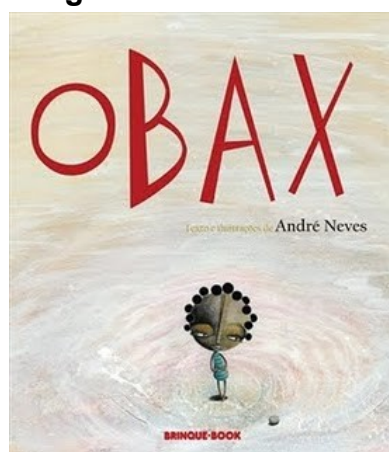


Fonte: Arquivo pessoal.

Outro livro que impressionou as crianças foi “O cabelo de Lelê”, escrito por Valéria Belém. Conta a história de uma menina chamada Lelê que vive a se perguntar sobre os seus cachinhos, querendo entender a história e a beleza da sua herança africana.

Figura 16: Livro: O cabelo de Leleê**Fonte:** Arquivo pessoal.

Obax, escrito por André Neves, traz a memória dos griots, contadores de histórias que perpetuam os costumes dos africanos e apresenta de forma lúdica esta cultura.

Figura 17: Livro: Obax.**Fonte:** Arquivo pessoal.

Esses são alguns exemplos dos livros que foram utilizados no decorrer do ano letivo, o acervo da sala possibilitou as diferentes experiências a partir da literatura infantil.

3.4 Oficina: Abayomi.

Retomamos o assunto sobre a vinda dos negros para o Brasil e a situação precária dos navios. Em roda conversamos sobre o sofrimento das pessoas que foram obrigadas a abrir mão da própria vida por imposição daqueles que se achavam superiores. As crianças manipularam os diferentes tecidos e texturas e

começamos a fazer a Abayomi. Mostrei para as crianças que foi um momento muito difícil para todos que foram submetidos a isso. E as mães, na tentativa de diminuir o sofrimento das crianças, rasgavam a própria roupa e faziam bonecas, para acalantar os filhos. Uma forma de carinho e aconchego. Geralmente as bonecas eram do tamanho da mãozinha, pequena o suficiente para esconder quando fosse necessário.

- *“Como elas dormiam de noite? Sozinhas? (Raí, 5 anos)*
- *“Posso dormir abraçadinho com ela?”. (Samuel, 4 anos)*

Nesse momento observei que as crianças ficaram “tocadas”, emocionadas quando souberam que crianças, iguais a elas, foram obrigadas a ficarem longe das famílias. E dentro de um contexto de tanto sofrimento, as mães conseguiram humanizar a situação, e isso atingiu de alguma forma. Foi possível observar o quanto a história mexeu com as crianças, no sentido dos sofrimentos vivenciados naquela época.

Figura 18: Oficina da Abayomi



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19: As crianças confeccionando a boneca com retalhos de chita e malha.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi uma experiência muito significativa, algumas crianças pediram para fazer uma Abayomi para levar para a irmã. Um dia após a oficina, fui surpreendida pelo Caleb aluno da sala, que chegou, entregou a Abayomi e disse:

- *Michelle sente o cheiro! (Caleb, 5 anos.)*

Percebi o encantamento, a maneira como ele apropriou-se da história e do sentimento de cuidado. Ele relatou que colocou o perfume do pai, para não ficar com saudades dele.

Figura 20: Apresentação da história e oficina da Abayomi.



Fonte: Arquivo pessoal.

3.5 A arte da Capoeira.

As oficinas de capoeira acontecem uma vez por semana, com a duração de 30 minutos.

De acordo com as orientações do Livro do Professor, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil, a prática da capoeira possibilita:

[...] às crianças ampliar seus padrões de referências e de identidade no diálogo e no reconhecimento da diversidade cultural e étnico-racial que compõe a sociedade brasileira, participando de vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais. Assim recorre-se aos três elementos da formação humana potencializadas pela capoeira: corporeidade, musicalidades e sociabilidade. (BRASIL, 2014, p.90)

Na capoeira o corpo é usado como linguagem, somados a música e aos instrumentos utilizados. As canções trazem a história, a importância e o legado cultural do povo negro.

O professor inicia a aula conversando com as crianças e logo fazem a roda. No primeiro dia da observação o professor trouxe a história dos instrumentos que compõem a roda. O berimbau como instrumento base, o atabaque e o pandeiro. Explicou para as crianças como o berimbau é feito, como produz o som, de onde vem os materiais. Mais uma vez as crianças trazem as questões da cultura indígena, onde comparam a estrutura do berimbau com o arco e a flecha.

Figura 21: Roda de capoeira e momento de formação sobre os instrumentos da capoeira.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 22 e 23: As crianças manuseando e experimentando os instrumentos.



Fonte: Arquivo pessoal.

As músicas trazem para as crianças a história, e a cada aula o professor o aumenta o repertório da turma. As canções são embaladas ao som das palmas e um instrumento, alguns dias o pandeiro e outros o berimbau. A música na capoeira congrega significados, mensagens e valores, sendo possível contribuir na construção da identidade cultural e da cidadania, como a história do Brasil, aspectos sociopolíticos e aspectos etnográficos regionais. Assim perpetuam saberes e valores importantes para a cultura popular. (BRASIL, 2014, p.97)

3.6 Maculelê é batida de bastão...

O maculelê é uma manifestação cultural de matriz africana Mestre Popó⁹ aprendeu esta arte com os pretos velhos MaleSES, que se reuniam para manifestarem sua arte.

O maculelê faz parte do folclore brasileiro e deve ser preservado como patrimônio cultural, assim como a capoeira. Deve ser mantido e respeitado como tradição. Seja ela trazida por nossos irmãos africanos ou criada pelos nativos indígenas, a beleza do maculelê traz em si os traços da miscigenação cultural de um país onde a cultura é a mais rica do mundo, apesar de não receber o reconhecimento que merece. (<https://www.congodeouro.com.br/a-verdadeira-historia-e-origem-do-maculele/>)

⁹ No início do século XX, com a morte dos mestres do Maculelê, a manifestação deixou de acontecer por muitos anos, até que em 1943, Paulino Aluísio de Andrade, o Mestre Popó do Maculelê, resolveu reunir parentes e amigos para ensinar a dança baseado em suas antigas lembranças.

Figura 24: História do Maculelê



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25: As crianças aprendendo o maculelê



O maculelê tem sido preservado por mestres e professores e capoeira que trazem essa arte para aulas, perpetuando assim essa cultura. Foi um momento de grande interação entre as crianças e professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi de grande importância trazer questões para além das oficinas de capoeira na EMEI Céu Azul. Mesmo com as aulas acontecendo desde 2017 e após conversas com colegas da escola, pude constatar que a Capoeira estava ali, mas não interagiu com outras áreas de aprendizagem e não era integrada ao planejamento semanal. Conciliar essa fonte de saber com a rotina da minha sala, foi muito rico, construímos juntos novos aprendizados e vencemos algumas questões que incomodavam as crianças, no sentido de se reconhecerem e ter orgulho por isso.

Ao desenvolver esta pesquisa, pude perceber como as bibliografias são ricas e pouco exploradas pelos profissionais da educação. Nas duas escolas que trabalho, as colegas com quem conversei não manifestaram conhecer os materiais que possuem conteúdos significativos e de grande valia, que abrem os nossos olhos para a importância de se trabalhar com as questões, e nos fazem refletir a importância do professor intervir positivamente, com práticas intencionais que favoreçam a construção da identidade da criança.

Acredito que deveriam ser leituras obrigatórias para todos os que estão atuando em escolas, lembrando que a lei 10.639/03 já determina a inserção destes conteúdos em sala de aula e em todo ambiente escolar. As publicações do MEC: “Educação Infantil e práticas promotoras para a Igualdade racial”, “História e Cultura africana e afro-brasileira na educação infantil”, “Diretrizes Curriculares para a educação das Relações Étnico Raciais para o Ensino de história de Cultura Afro-Brasileira e Africana” são alguns exemplos de materiais disponíveis para consulta na internet, estes e vários outros títulos são suportes teóricos para se compreender e trabalhar as questões relacionadas à afirmação da diversidade cultural e as relações étnico raciais dentro da escola.

Todas as crianças tem o direito de entender e saber a verdadeira história da chegada dos negros e portugueses no Brasil, compreender que a nossa herança é uma mistura cultural, com traços indígenas, negros e europeus. Que a diferença da cor, do cabelo, de religião não nos faz melhor ou pior que ninguém. Oportunizar as crianças a vivenciarem na prática estas descobertas, construir conhecimentos que valorizem a diversidade, que proporcionem atitudes de empoderamento e autonomia, são ações que me fazem concluir que valeu a pena toda a dedicação, investimento e coragem em ampliar o olhar das minhas crianças e incentivar as colegas a inserirem o conteúdo no planejamento, mesmo que de maneira mais tímida.

A temática étnico-racial, em minha opinião deveria ser o eixo estruturador do planejamento de qualquer professor que acredita que na infância são construídas a identidade, a autoestima e a personalidade. E a capoeira nos mostrou através deste plano de ação, como de maneira lúdica, podemos trazer as questões da nossa realidade sociocultural.

REFERÊNCIAS.

ARBOLEYA, Valdinei José. **O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros.** Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/o-negro-na-literatura-infantil-apontamentos-para-uma-interpretacao-da-construcao-adjetiva-e-da-representacao-imagetica-de-personagens-negros/> Acesso em 20 agos. 2019

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

_____. **Educação Infantil e práticas promotoras para de igualdade racial.** Coordenação geral de Hédio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Silvia Pereira de Carvalho. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

_____. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Universidade Federal de São Carlos, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227009> Acesso em 27 abr. 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

CORSARO. William A. **Sociologia da Infância.** Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Revisão técnica de Maria Letícia B.P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GINED - **Gerência de Informações Educacionais** - Secretaria Municipal de Educação - Sistema de Informações para Gestão. Disponível em <http://sigabh.pbh/sge-aluno/cor-raca> Acesso em 20 jun. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> Acesso em 02 nov. 2018.

_____. (2011). **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. Disponível em antigo.acordacultura.org.br: <http://antigo.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011> Acesso em 03 mai. 2019

_____. **Diversidade étnico-racial. Por um projeto emancipatório**. Revista Retrato da Escola, Brasília, v.2, n. 2-3, p. 95-108, jan/dez. 2008. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/127> Acesso em 10 set. 2019.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Roda de Capoeira**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66> Acesso em 20 abr. 2019.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf Acesso em 30 out. 2018.

IVAZAKI, Ana Claudia Dias. **Capoeira da educação infantil: relações étnico-raciais na formação de professores**. 2018. 196f. Dissertação(Programa de Pós-Graduação

Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina grande, PB.

MEC. **Educação Infantil e práticas promotoras de Igualdade racial**. Coordenação geral de Hélio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Sílvia Pereira de Carvalho. São Paulo: Centro de Estudos das relações de trabalho e Desigualdade -CEERT; Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PARECER CNE/CP n. 03/2004. em 10 mar. 2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura e Africana**. Parecer homologado, Despacho do Ministro, publicado no D.O.U de 19 jun.2004. Conselho Nacional de Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf
Acesso em: 23 out. 2018.

SILVA, Gladson de Oliveira; HEINE, Vinicius. **Capoeira: um instrumento para a cidadania**. São Paulo. Phorte, 2008.

OLIVEIRA, Jair. KHALIL, Tânia. **“Normal é ser diferente”**. Álbum Grandes Pequenos. Som Livre, 2009. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/grandes-pequenos/normal--ser-diferente/> Acesso em 14 abr. 2109.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinho Leal. Salvador: EDUFBA, 2009. 200p. Disponível em <http://books.scielo.org/id/96v9g/pdf/oliveira-9788523217266.pdf>. Acesso em 20 jul. 2019.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Educação Infantil. In: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

SOUZA, Walce. Capoeira-Arte mágica. Mestre Deputado. Goiânia: EDITORA. 2016